

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT21.029](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT21.029)

O PODER SIMBÓLICO ATRIBUÍDO A INTERNACIONALIZAÇÃO DO CURRÍCULO ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE INTERCÂMBIOS ESTUDANTIS DO ESTADO DA PARAÍBA

AUGUSTA MAGNÓLIA ROBERTO DE MOURA

Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande- PPGEd/UFCG, Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB augusta-mag03@gmail.com;

MICHELINA ROBERTO DE MOURA

Especialista em Ciências Ambientais, pelo Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa - CINTEP, Graduada em Pedagogia pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera-PB, michelina.moura3@email.com;

RESUMO

As práticas de internacionalização na educação básica, entre elas os intercâmbios escolares, têm se mostrado um fenômeno crescente e recorrente na esfera educacional pública. No Brasil, vários estados financiam Programas de Intercâmbio Estudantil nas Redes Públicas de Ensino, e na Região Nordeste podemos citar como exemplo: Piauí, Ceará, Pernambuco, Maranhão e Paraíba. No estado da Paraíba, o Programa de Intercâmbio Estudantil Gira Mundo foi instituído na Rede Estadual de Educação, através da Lei 10.613 de 18 de dezembro de 2015 e modificado pela Lei 11.655/2020, Portaria nº 481/SEECT/PB, que dispõe sobre a promoção da cooperação internacional, da formação qualificada e estratégica e o desenvolvimento científico e tecnológico no Estado da Paraíba através do intercâmbio educacional, formação profissional internacional e demais ações. Contempla estudantes, por meio da oferta de cursos de idiomas e formação continuada através de parcerias com instituições internacionais. tendo como finalidade promover, a oportunidade de estudar, em um país de Língua Estrangeira, favorecendo experiências de interação com outras culturas, diversidades, letramentos e práticas educacionais. Os estudantes vivenciam esta atividade em países de língua inglesa e espanhola. O presente ensaio tem por objetivo abordar como o capital

cultural se relaciona com os múltiplos letramentos sociais mobilizados no contexto educacional de atividade de intercâmbio, influenciando diretamente vivências, expectativas e conhecimentos adquiridos pelos estudantes no período dessa experiência de mobilidade internacional. Este trabalho é parte da discussão teórica de uma pesquisa desenvolvida sobre o Programa de Intercâmbio Estudantil Gira Mundo e Projeto Conexão Mundo, realizados na Rede Pública Estadual da Paraíba. A base teórica concentra-se nas contribuições de Bourdieu (1989), Street (2010 e 2014), Prado (2002), Freitas (2009) e Nogueira; Aguiar e Ramos (2008), numa perspectiva de discussão e caracterização de situações e contextos sociais em que manifestações simbólicas e capital cultural se mobilizam na relação com múltiplos letramentos.

Palavras-chave: Poder simbólico. Ensino Médio. Letramentos. Intercâmbio.

INTRODUÇÃO

As práticas de internacionalização na educação básica, entre elas os intercâmbios culturais têm se mostrado um fenômeno crescente e recorrente na esfera educacional pública. No Brasil, vários estados financiam Programas de Intercâmbio Estudantil nas Redes Públicas de Ensino. Na Região Nordeste podemos citar como exemplo: Piauí, Ceará, Pernambuco, Maranhão e Paraíba.

No estado da Paraíba, o Programa de Intercâmbio Estudantil Gira Mundo foi instituído na Rede Estadual de Educação, através da Lei 10.613 de 18 de dezembro de 2015, tendo como objetivo promover aos alunos do Ensino Médio da Rede Pública Estadual a oportunidade de estudar, durante um semestre letivo, em um país de Língua Estrangeira, favorecendo experiências de interação com outras culturas, diversidades e práticas educacionais. Que tem como objetivo a formação de jovens no contexto de ensino de línguas francas (inglês e espanhol) e promover a formação continuada para professores vinculados as escolas estaduais. Na sua primeira fase foram ofertados a 3.973 estudantes cursos preparatórios, na segunda fase do projeto, as aulas aconteceram remotas, onde 1.713 alunos participaram. Sendo que 1.409 estudantes realizaram as provas, totalizando 400 estudantes contemplados com intercâmbio para o Reino Unido, Espanha, Canadá e Chile. A adesão dos estudantes aos programas Gira Mundo/ e Conexão Mundo, se deu por formação continuada que busca garantir a qualidade da educação da rede estadual mediante formações em parceria com a Universidade de Mondragon, no ano de 2022, por meio de processo seletivo e, se aprovados, recebem uma bolsa, concedida pelo Governo do Estado da Paraíba para custear o período de estadia no país anfitrião. Além disso, a Secretaria de Estado de Educação, por meio de uma coordenação responsável pelo Programa, gerencia o intercâmbio e as atividades dos estudantes durante o semestre letivo. Este programa de Intercâmbio Estudantil, além do seu caráter inovador na Rede Pública, configura-se em um avanço educacional na Paraíba, uma vez que o intercâmbio estudantil era uma realidade apenas de particulares que frequentavam escolas particulares, cujos estudantes têm alto poder aquisitivo. Na sua quarta edição, em 2019, o Gira Mundo tem oportunizado que estudantes de baixa renda, mesmo considerando a meritocracia envolvida na seleção, possam participar dessa experiência educacional e cultural, com influências positivas no processo de formação escolar, na construção do capital simbólico (BOURDIEU, 1989). Ao se integrar em uma escola num país de língua estrangeira, o

estudante se depara com outro universo cultural e de ensino e, conseqüentemente, com muitos desafios sócio-cognitivos que envolvem o domínio de uma língua estrangeira, as relações sociais, o cotidiano escolar, entre outros.

Na esfera acadêmico-científica brasileira ainda são poucos os trabalhos que se debruçam sobre esta temática como objeto de investigação. Entre eles estão Prado (2000; 2002); Nogueira; Aguiar e Ramos (2008), cujas discussões apontam inovadoras e importantes discussões sobre intercâmbio estudantil, internacionalização da educação, impactos de outras culturas, identidades e representações sociais.

Estes e outros estudos têm nos motivado para esta temática e nos trazido novas experiências de aprendizagem, bem como inúmeros desafios e problemáticas que nos inquietam e se revertem em alvo de pesquisa. Assim, entendemos ser esta pesquisa de grande importância, primeiro pela carência de exploração científica da temática, segundo pelo aspecto inovador – trazendo a discussão das práticas de intercâmbio na escola pública; e terceiro pela possibilidade de discutir os efeitos desse programa na vida dos estudantes, considerando a realidade educacional em nosso estado paraibano.

FUNDAMENTANDO NOSSA PESQUISA

Esse é um daqueles trabalhos que nos toma pela mão e nos convida a caminhar com ele, para que juntos, possamos conhecer um pouco mais desse universo de saberes, conhecimentos, culturas e mundos que se apresentam para os jovens durante um programa de intercâmbio. Em busca de um diálogo mais profundo e consolidado na imersão dos mitos e estigmas que permeiam essa esfera educativa, social e cultural, que vem ascendendo na educação básica brasileira, nos reportamos a estudos bibliográficos e pesquisas de campo pautados em Bourdieu (1989), Charlot (2001), Street (2010 e 2014), Prado (2002), Freitas (2009) e Nogueira; Aguiar e Ramos (2008). A partir desta escolha teórica, fizemos uma investigação bibliográfica, direcionada para os aspectos que nos interessam intrinsecamente nesta discussão: internacionalização da educação, capitais simbólicos, letramentos e intercâmbio, que iremos apresentar seguidamente.

INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA E MOBILIDADE ESTUDANTIL NO ENSINO MÉDIO

Atualmente existem no Brasil poucos estudos e pesquisas sobre a internacionalização da educação básica. Por ser uma temática pouco conhecida, temos poucas contribuições científicas, ao mesmo tempo, isso instiga a nossa curiosidade em saber como se processa no contexto educacional do Ensino Médio.

Nesse âmbito, podemos utilizar a noção atribuída por Thiesen (2017), que nos apresenta a internacionalização da educação como um movimento educacional, onde:

(...) trocas acadêmicas e culturais produzidas em contextos de experiências internacionais devem contribuir para o fortalecimento da diversidade, das singularidades e das diferenças, de modo que o global se interconecte com o local e vice-versa, que os conhecimentos e saberes plurais preponderem sobre os padronizados e que as relações institucionais se produzam na horizontalidade, de modo que se estabeleçam compromissos mais de cooperação do que de competição. (THIESEN, 2017. p. 994)

No ensino médio brasileiro a internacionalização da educação se dá através de programas de intercâmbio de curta duração, onde os intercambistas usufruem da experiência de interagir com outras culturas, adentrando em um processo de globalização da educação, interligando, conectando conhecimentos e saberes, em um crescimento contínuo e de relevância social. Contudo, vale ressaltar que esse crescimento também representa desafios complexos, pois age diretamente sobre aspectos psicológicos e sociais que atuam sobre a adaptação necessária para bom aproveitamento acadêmico que se deseja adquirir.

Nesse sentido, a mobilidade estudantil deve ser vista não apenas como possibilidade de acesso para os estudantes, mas também como garantia de permanência adequada, acompanhamento contínuo e estrutura escolar, que contemple as necessidades acadêmicas dos mesmos, de forma mais intensa no período de adaptação e durante todo o intercâmbio.

De acordo com estudos realizados por Nogueira; Aguiar e Ramos (2008), o desenvolvimento da formação educativa e cultural do intercâmbio traz como benefícios crescimentos escolares quando regressam, contudo, apresenta também aspectos negativos, que mesmo minimizados, estão visíveis:

(...) dificuldades de adaptação (ao clima, costumes, língua, sistema de ensino etc.), sentimentos de discriminação e de saudades, atrasos escolares no retorno ao Brasil etc. Os pais são praticamente unânimes em afirmar que “vale a pena”, que se trata de uma “experiência que não tem preço”, numa clara atitude de subordinação dos efeitos considerados negativos ao conjunto dos benefícios supostamente retirados da circulação pelo exterior. (NOGUEIRA; AGUIAR E RAMOS, 2008, p. 367).

Sendo assim, o intercâmbio estudantil traz em sua configuração diversas nuances que devem ser consideradas e ponderadas para que o período de experiência no exterior seja consolidado com eficácia e significativa na vida dos estudantes. De acordo com Prado (2002) o momento de preparação, esclarecimento e conhecimento de como irá se efetuar o intercâmbio, tanto para os alunos como para seus respectivos pais, a convivência com a família acolhedora, os aspectos que caracterizam a nova língua e cultura, são elementos indispensáveis para que tudo transcorra de maneira satisfatória e ao invés de trazer frustrações e receios para os intercambistas.

INTERCÂMBIO, LÍNGUA ESTRANGEIRA E O CONCEITO DE CONSUMO DISTINTIVO DE BOURDIEU

O capital simbólico está presente em toda parte. Mesmo que passe despercebido ou esteja aparentemente invisível, atua diretamente nas relações sociais de forma desigual e verticalizada, numa perspectiva que tanto o indivíduo faz o meio social quanto o meio social faz o indivíduo.

A concepção de capital simbólico de Bourdieu (1989), é fundamental para falarmos sobre o intercâmbio estudantil como um capital simbólico, presente e atuante, na esfera educacional. Para tal feito, utilizaremos também as contribuições de Freitas (2000), que dialogam suavemente e com fluidez sobre a compreensão do intercâmbio estudantil como um “novo capital simbólico”. Freitas (2000), em paráfrase à Bourdieu (1989), nos revela que:

(...) não é apenas o dinheiro que conta na vida. O capital cultural é compreendido como o conjunto de diplomas, conhecimentos adquiridos, códigos culturais, idiomas falados, maneiras de se comunicar e “boas maneiras”, ao passo que o capital social compreende as relações de indivíduo ou grupo; ambos são recursos simbólicos, tão úteis quanto o capital econômico, representado pelos bens financeiros e materiais, na

determinação e na reprodução de posições sociais. (FREITAS, 2000, p. 253)

Vale ressaltar que os capitais sociais são distintos, contudo podem se articular intrinsecamente, de forma positiva ou negativa. Nesse contexto, o conceito de distinção (BOURDIEU, 2007), se apresenta como um diferencial na vida dos jovens intercambistas, numa perspectiva em que aqueles que conseguem alcançar a tão sonhada chance de usufruir de um intercâmbio, conseqüentemente terá um **status** social maior, mais chance de sucesso acadêmico ou profissional, destacando-se - por mérito - , à frente dos demais que não tiveram a mesma oportunidade. Assim sendo, “o senso da distinção culmina no topo do espaço social.” (DUVAL, 2017 apud CATANI, 2017).

Observamos que o enriquecimento cognitivo, social e educativo que o intercâmbio estudantil apresenta na vida de um adolescente carrega si, características e significados essenciais para a sua formação, trazendo a tona a uma diversidade de saberes fundamentais para seu desenvolvimento pleno, assim como Charlot (20001), nos apresenta ao nos depararmos com saberes práticos, relativos à comunicação, ao lazer, as tarefas diárias e aos cuidados pessoais, fundamentais para uma boa adaptação no país de destino, seguindo as orientações advindas das famílias acolhedoras desses jovens, que a partir do momento da acolhida dos mesmos, passam a fazer essa travessia de mundos com culturas e costumes distintos. Podemos também contemplar o desenvolvimento de novos saberes teóricos ou intelectuais nos hábitos acadêmicos “ler e escrever e estudar” (CHARLOT, 2001) adquiridos nas escolas que irão frequentar durante o semestre de intercâmbio.

Assim como também convém abordar o conceito de campo de Bourdieu (1989), compreendido como sendo um ambiente específico que possui uma configuração específica, onde em cada campo nós iremos atuar de maneira diferenciada, numa performance que requer de nós os capitais que devem ser cobrados de forma peculiar, de acordo com cada campo que nos inserirmos.

Assim sendo, o capital simbólico que a educação básica traz através de sua atuação no intercâmbio estudantil se configura como uma prática de preparação para a internacionalização cognitiva, compreendendo o mérito, a coragem e o anseio do aluno intercambista de conhecer, de interagir com diferentes culturas, com novos conceitos e saberes. Esse capital mostra-se aberto a experimentos novos, ao alargamento dos limites do conhecimento, de suas vivências pessoais e educativas.

As línguas estrangeiras na educação básica brasileira são de ensino obrigatório, definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96) seguindo os preceitos expressos nas Diretrizes Curriculares, inciso VII, que diz: “uma língua estrangeira moderna na parte diversificada, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição”. Contudo, faz um acréscimo ao afirmar que o ensino da língua espanhola é obrigatório, em virtude de existir legislação específica: I – Língua Espanhola, de oferta obrigatória pelas unidades escolares, embora facultativa para o estudante (Lei nº 11.161/2005).

De acordo com Moreira e Tadeu (2013), o currículo escolar é concebido como um artefato social e cultural, ou seja, implica relações de poder, transmite visões sociais e pessoais da instituição. Ajusta seu propósito as novas necessidades do meio que está inserida, naquele dado momento, conferindo-lhe questões relacionadas a eficiência e sucesso nos resultados almejados. Com isso, observamos a necessidade de pesquisarmos se esta adequação curricular vem se estabelecendo nessa instituição de ensino, devido aos números de aprovações de alunos no Programa Gira Mundo, ou seja, se a unidade estaria ressignificando o currículo escolar para atender as necessidades dos estudantes neste processo seletivo. Numa perspectiva de preceito educacional em que:

O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. As teorias do currículo, tendo decidido quais conhecimentos devem ser selecionados, buscam justificar por que “esses conhecimentos” e não “aqueles” devem ser selecionados. (SILVA, 2007, p.15)

Esta prática não é de um todo negativa, contudo nos leva a alguns questionamentos, visto que as demais escolas da rede estadual podem não estar fazendo esse procedimento de acompanhamento das ações educativas dos alunos, voltada para o intuito da seleção final no Programa, o que implica em uma disparidade imensa entre os resultados obtidos pelas unidades de ensino, descaracterizando o caráter de diversidade, abrangência e inclusão da maior quantidade possível de alunos bolsistas no intercâmbio, alavancando uma meritocracia exacerbada (PATTO, 2014) em um determinado grupo social e econômico que predomina nas instituições de capital, em detrimento dos demais grupos sociais e econômicos das escolas também participantes.

No estado da Paraíba, as escolas da rede estadual possuem em sua matriz curricular, para o ensino das linguagens, que influencia diretamente nas escolhas para o país de destino de intercâmbio, visto que a fluência nos idiomas é essencial, a seguinte definição: uma carga horária de 4 aulas semanais, com duração de 45 minutos, para Língua Portuguesa; 02 aulas semanais, para Língua Inglesa e de 01 hora aula semanal para Língua Espanhola¹, para alunos de 2º ano do Ensino Médio diurno, público alvo do Programa, de acordo com as Diretrizes Operacionais de Funcionamento das Escolas Estaduais (2018).

INTERCÂMBIO ESCOLAR, LETRAMENTOS E CAPITAL SIMBÓLICO

Como foi sinalizado introdutoriamente, o fenômeno da internacionalização da educação vem crescendo gradativamente na escola básica. O intercâmbio escolar geralmente é direcionado para alunos do Ensino Médio, mais especificamente àqueles que cursam a 2º série, tendo em vista que se configura também como uma das preparações para o ingresso no Ensino Superior. De acordo com Nogueira; Aguiar e Ramos (2008),

o fato é que “nunca como hoje se consolidaram ao nível escolar, desde o ensino básico ao superior, tantas experiências de intercâmbio com instituições de ensino estrangeiras, tantos acordos e projetos com parceiros internacionais, tantas referências às vantagens da internacionalização dos estudos”, como escreve a socióloga portuguesa Maria Manuel Vieira (2007, p. 12), num dos poucos trabalhos de que dispomos sobre o assunto. (NOGUEIRA; AGUIAR e RAMOS, 2008, p. 357).

Observamos que o enriquecimento cognitivo, social e educativo que o intercâmbio estudantil apresenta na vida de um adolescente carrega em si, características e significados essenciais para a sua formação. Esse pensamento se consolida ainda mais nessa prática, com isso o capital cultural adquirido pelos participantes predomina sobre os demais, considerando a diversidade de conhecimentos e experiências adquiridas durante a imersão em um país distinto, em uma nova língua.

1 De acordo com Lei nº 11.161/2005, o Ensino da Língua Espanhola é de oferta obrigatória pela escola e matrícula facultativa para o estudante.

Assim sendo, o capital simbólico que a educação básica traz através de sua atuação no intercâmbio estudantil se configura como uma prática de preparação para a internacionalização cognitiva, compreendendo o mérito, a coragem e o anseio do aluno intercambista de conhecer, de interagir com diferentes culturas, com novos conceitos e saberes. Esse capital mostra-se aberto a experimentos novos, ao alargamento dos limites do conhecimento, de suas vivências pessoais e educativas.

O poder simbólico está presente em toda parte. Mesmo que passe despercebido ou esteja aparentemente invisível, atua diretamente nas relações sociais de forma desigual e verticalizada, numa perspectiva que tanto o indivíduo faz o meio social quanto o meio social faz o indivíduo.

A concepção de capital simbólico de Bourdieu (1989), é fundamental para falarmos sobre o intercâmbio estudantil como um capital cultural, presente e atuante, na esfera educacional, pois gera um *status* distintivo, que “desapossa e separa os menos competentes em favor dos mais competentes; os menos instruídos em favor dos mais instruídos” (ALVES, 2008). Para tal feito, utilizaremos também as contribuições de Freitas (2000), que dialogam suavemente e com fluidez sobre a compreensão do intercâmbio estudantil como um “novo capital simbólico” que se apresenta como elemento de distinção social entre aqueles que o possuem e os que não possuem. Freitas (2000), em paráfrase à Bourdieu (1989), nos revela que:

(...) não é apenas o dinheiro que conta na vida. O capital cultural é compreendido como o conjunto de diplomas, conhecimentos adquiridos, códigos culturais, idiomas falados, maneiras de se comunicar e “boas maneiras”, ao passo que o capital social compreende as relações de indivíduo ou grupo; ambos são recursos simbólicos, tão úteis quanto o capital econômico, representado pelos bens financeiros e materiais, na determinação e na reprodução de posições sociais. (FREITAS, 2000, p. 253)

Vale ressaltar que os capitais sociais são distintos, contudo podem se articular intrinsecamente, de forma positiva ou negativa. Nesse contexto, observamos que o enriquecimento cognitivo, social e educativo que o intercâmbio estudantil apresenta na vida de um adolescente carrega si, características e significados essenciais para a sua formação, trazendo a tona a importância da referência ao conceito do *habitus*, que o estudante carrega em si, compreendido como a internalização de valores e princípios que instituem um estilo de vida e visão do mundo, uma

estrutura estruturante que existe fora do sujeito, mas dentro do sujeito (BOURDIEU, 1989, p. 62). Podemos assim dizer que o habitus é o produto do nosso intercâmbio, da nossa conversação com o meio e do meio conosco.

Contudo, vale ressaltar que, de acordo com Oliveira e Freitas (2017), para além do habitus internalizado nos estudantes, que entra em conflito no meio exterior,

(...) o sucesso dessas experiências interculturais demanda de seus atores sensibilidade às diferentes particularidades culturais, clarificando questões relativas ao poder, às estruturas institucionais e às práticas culturais, de forma a capitalizar a diversidade cultural para o sucesso da experiência e a construção do senso de comunidade.

Assim como também o conceito de campo de Bourdieu (1989), compreendido como sendo um ambiente específico que possui uma configuração específica, onde em cada campo nós iremos atuar de maneira diferenciada, numa performance que requer de nós os capitais (culturais, sociais, econômicos) que devem ser cobrados de forma peculiar, de acordo com cada campo em que nos inserirmos.

Em uma sociedade hierárquica, não há espaço que não esteja hierarquizado e não expresse as hierarquias e distâncias sociais, de um modo (mais ou menos) deformado e sobretudo mascarado pelo efeito de naturalização que entranha a inscrição duradoura das realidades sociais no mundo natural: assim, determinadas diferenças produzidas pela lógica histórica podem parecer surgidas da natureza das coisas [...] De fato, o espaço social se retraduz no espaço físico, mas sempre de maneira mais ou menos turva: o poder sobre o espaço que a posse do capital em suas diversas espécies dá se manifesta no espaço físico apropriado na forma de determinada relação entre a estrutura espacial da distribuição dos agentes e a estrutura espacial da distribuição dos bens ou serviços, privados ou públicos. (BOURDIEU, 1989: pp. 119-120, tradução livre)

Assim sendo, o conceito de distinção que a educação básica traz através de sua atuação no intercâmbio estudantil se configura como sendo algo que aproxima ou separa, que agrega ou segrega, que classifica ou distingue, aqueles que tem acesso a esse bem cultural. Uma prática de preparação para uma internacionalização cognitiva, compreendendo o mérito, a coragem e o anseio do aluno intercambista de conhecer, de interagir com diferentes culturas, com novos conceitos e saberes.

A mobilidade passa a ser vista como “um bem ou um valor atual; ou, mais especificamente, como um capital simbólico no mundo contemporâneo – o capital mobilidade”. (OLIVEIRA; FREITAS, 2017, p. 779). Dentro do mercado simbólico, que estabelece as competências para seus sujeitos, destacando meritocraticamente os que detém maior capital cultural e escolar, em oposição aos menos favorecidos desses capitais, esse poder distintivo mostra-se aberto a experimentos novos, ao alargamento dos limites do conhecimento, de suas vivências pessoais e educativas, que se sobressaem no meio social.

Um programa de intercâmbio traz em si diversos enriquecimentos simbólicos, entre eles o de se tornar “cidadão do mundo”, desponta como um dos principais expoentes de desejo dos sujeitos participantes. Em pesquisa realizada por Prado (2002) podemos constatar que no cenário atual brasileiro “(...) essas qualidades ‘internacionais’ são ainda mais valorizadas (...)”, ou seja, “(...) a palavra “internacional” faz pensar em mundo, faz pensar em vários países, faz pensar em globo terrestre.” (PRADO, 2002, p. 150).

Esta autora traz em sua pesquisa um exemplo bastante claro de como essa supervalorização do ser “cidadão do mundo” se expressa em um anúncio feito pelo Guia do candidato de 1999 do AFS Intercultura Brasil²:

A capa mostra uma janela que se abre para o mundo, representado por um globo. Dos dois lados, pequenas colunas de bandeiras dos mais diversos países. Abaixo, o logotipo do AFS, dois círculos entrelaçados, lembrando... o globo terrestre. Na primeira contracapa, com o título: “Viver e estudar em outro país. O AFS abre as portas do mundo para você”, um texto fala da experiência que o estudante está convidado a viver, e apresenta o AFS Intercultura Brasil e sua história. O último item, “O mundo está a sua espera”, diz: “Abrir as portas para o mundo. Comunicar-se melhor, compreender as diferenças de opiniões e de procedimentos, aumentar a tolerância, valorizar o respeito mútuo. O intercâmbio do AFS Intercultura será uma experiência marcante em sua vida. Inscreva-se e comece a fazer parte deste mundo fascinante. Seja bem-vindo!” (PRADO, 2002, p. 151)

2 AFS Intercultura Brasil é um dos programas de intercâmbios mais antigos em atuação no país. Gerido pelo American Field Service (AFS), presente em diversos países do mundo, adquirindo uma nomenclatura própria em cada um deles, funcionando com trabalho de voluntários e sem fins lucrativos.

Este anúncio sinaliza para o fato de que um programa de intercâmbio traz em si diversos enriquecimentos simbólicos, entre eles o de se tornar “cidadão do mundo”, desponta como um dos principais expoentes de desejo dos sujeitos participantes. Nesse contexto, alunos que passam pelo processo de intercâmbio internacional adquirem maior capital cultural em detrimento daqueles que não tem essa oportunidade, seja através de programas disponibilizados pelas redes públicas de ensino, seja por intermédio dos pais que tem poder aquisitivo financeiro suficiente para custear os gastos provenientes.

Como podemos ver a mobilidade adquirida com o intercâmbio estudantil representa um valor simbólico significativo, até mesmo um diferencial, na vida em todos os aspectos sociais.

Isto posto, parece-nos que seria sociologicamente pertinente acrescentar nossas pistas explicativas a hipótese de que a internacionalização das escolaridades é dominada também por uma lógica de “distinção”, que estabelece uma clivagem ou, se preferirmos, ergue fronteiras entre os que se beneficiam de capitais internacionais e os que se limitam aos recursos nacionais. (NOGUEIRA; AGUIAR e RAMOS, 2008, p. 371).

O fenômeno que transcorre do intercâmbio estudantil se reflete na vida dos jovens de forma tão latente e precisa, que um universo de possibilidades, visões e conhecimentos se abrem diante de seus olhos sob os mais diversos aspectos. Entre estes aspectos com um destaque todo especial, os aqueles que permeiam a cultura escolar: os diversos letramentos sociais. Numa atividade de intercâmbio, os estudantes mobilizam diferentes práticas e eventos de letramentos. Os letramentos estão presentes e atuam para além da escola, na comunidade local, na família, na cultura. Os letramentos estão presentes e atuam para além da escola, na comunidade local, no trabalho, na cultura, os denominados por segregação como “letramentos não escolares” (STREET, 2014).

Durante o período de intercâmbio estudantil, o jovem se depara com os mais diversificados eventos de letramentos (pedagógicos, sociais, culturais) e os apreende – ou ao menos os tenta apreender – da forma mais significativa possível. No estabelecimento de diálogos com a família acolhedora, com os colegas, com professores da nova escola, observando as práticas letradas, os “sotaques”, as expressões comuns, como e onde utilizá-las.

Nesse sentido, a mobilidade estudantil deve ser vista não apenas como possibilidade de acesso para os estudantes, mas também como garantia de permanência

adequada, que significa observar e acompanhar a trajetória desses estudantes, de forma mais intensa no período de adaptação e durante todo o intercâmbio. É preciso considerar necessidades e dificuldades vivenciadas por eles no âmbito familiar estrangeiro, no contexto escolar e no que se refere aos fatores psicológicos (MOURA, 2021).

Essas práticas são difundidas e internalizadas, principalmente no que concerne ao uso da língua dominante do país que o acolhe. A etnografia se estabelece nesse processo. Assim sendo, o intercâmbio relaciona-se ao letramento de forma tão intrínseca, que ao discorrer sobre a narrativa “A tartaruga e os peixes”³, encontrada por Street (2010), em um site budista, a alusão feita nos remete a compreender um pouco como tudo se processa na cabeça de um jovem:

Nós todos vivemos dentro do nosso próprio mundo, nosso próprio modo de vida, nossa própria língua. Temos nossas formas de entender o mundo, fomos socializados para isso. Então, quando encontramos outro mundo, outra língua, começamos como a tartaruga e os peixes. Nós nos mudamos da água para a terra seca e não temos uma língua para a terra seca. Como poderíamos ter se passamos toda nossa vida na água? Portanto, fazemos perguntas sobre o que há nessa terra seca, baseados no que temos. “Eles nadam? É molhado?”. Aos poucos, a tartaruga se dá conta de que ela está se tornando uma etnógrafa. Ela tem que voltar lá na terra seca e começar de onde eles lá estão. Se chamaram de “terra seca”, já é uma grande descoberta. Agora há duas categorias de lugar onde viver: água e terra seca. (STREET, 2010, p. 43)

O estudante intercambista pode ser comparado a esta tartaruga. Os peixes são os sujeitos com os quais ele se relaciona durante o intercâmbio. A terra seca, seu país de origem. A água, o país escolhido para vivenciar toda essa experiência etnográfica, repleta de letramentos em contextos diversos. Todo dia aprendendo um pouco, construindo um pouco. Rompendo barreiras e medos. Criando a possibilidade de ir além do que se espera, tanto na “água” quanto na “terra seca”.

3 Versão da história “A tartaruga e os peixes” disponível em: <https://dharmalog.com/2013/07/12/bhikkhu-bodhi-conta-a-historia-da-tartaruga-e-do-peixe-para-explicar-nosso-medo-do-vazio-e-do-nada/>

METODOLOGIA

Apresentaremos a seguir o percurso metodológico desta pesquisa, articulando a base epistemológica, a caracterização da mesma, os procedimentos e recursos que serão utilizados na coleta de dados, a fim de que possamos responder a pergunta investigativa e alcançar os objetivos propostos, de acordo com o traçado da metodologia que desenhamos para desenvolver a investigação proposta.

CONTEXTUALIZANDO O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

O Estado da Paraíba possui atualmente diversos programas e/ou projetos de desenvolvimento estudantis idealizados e gerenciados pela Secretaria de Estado da Educação (SEE) sendo executados nas escolas da rede estadual, de acordo com o nível e modalidade de ensino, conforme as Diretrizes Operacionais para Funcionamento das Escolas Estaduais 2023.

Nesse contexto da esfera estadual, tomamos por objeto de estudo e pesquisa o Programa Gira Mundo, na modalidade estudante, criado através da Lei 10.613 de 18 de dezembro de 2015, que estabelece:

Art. 1º Fica instituído, sob a gestão da Secretaria de Estado da Educação, o Programa de Intercâmbio Internacional – GIRA MUNDO, que tem o propósito de ofertar aos alunos do Ensino Médio e professores efetivos da Rede Estadual de Ensino do Estado da Paraíba, de forma gratuita, experiência de intercâmbio educacional e cultural supervisionado e custeado pelo Poder Público. (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DA PARAÍBA, 2015).

O Programa Gira Mundo Estudante disponibilizava anualmente, através de edital com ampla divulgação pública, os países de destino e a quantidade de vagas disponíveis, através de um processo seletivo constituído de três fases. A primeira se fundamentava nos seguintes preceitos: ser aluno regularmente matriculado na rede estadual de ensino no 2º ano do ensino médio; ter frequência mínima de 85% nas aulas regulares, no ano que antecede a inscrição, ou seja, no 1º ano do ensino médio; comprovação das médias de desempenho acadêmico do ano anterior, tendo alcançado a média mínima de 7,0 nas disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Matemática. A segunda fase se caracterizava pela aplicação de uma prova de proficiência, de caráter classificatório e eliminatório, na língua oficial do país escolhido no ato da inscrição para o intercâmbio. E por fim, na terceira fase, era

realizada uma avaliação psicossocial de caráter eliminatório com os candidatos, de acordo com o Edital do Programa Gira Mundo Estudante (2018).

Neste estudo iremos utilizar como referência as edições do Programa nos anos de 2016, 2017 e 2018, de onde extraímos as informações necessárias para análise, aprofundamento e caracterização da pesquisa, através dos editais e documentos disponibilizados nos meios digitais e de domínio público.

Em sua primeira edição, em 2016, foram disponibilizadas 25 vagas para o Canadá. No ano seguinte, 2017, foram disponibilizadas 50 vagas para o Canadá, 25 vagas para a Espanha e 25 vagas para Portugal, em um total de 100 bolsas de intercâmbio. No ano de 2018, a disponibilização se deu da seguinte forma: 100 vagas para o Canadá, 50 para a Espanha, 25 para Portugal e 25 para a Argentina, em total de 200 vagas, para 04 países distintos.

Assim sendo, nossa pesquisa sobre a temática objetivou apresentar novas experiências de aprendizagem e enriquecimento curricular, a partir das práticas de intercâmbios na Educação Básica assim como também os inúmeros desafios e problemáticas que permeiam o processo.

SOBRE O TIPO DE PESQUISA

Epistemologicamente caracterizamos esta pesquisa como qualitativa dialogando coerentemente com a concepção fenomenológica e participante-descritiva. Dessa forma, a pesquisa qualitativa (...) “parte também da descrição que tenta captar não só a aparência do fenômeno, como também a sua essência.” (TRIVINOS, 1987, p. 129)

De acordo com Masini (1991, p. 66): “As pesquisas de enfoque fenomenológico constituem-se pois como etapas de compreensão e interpretação do fenômeno – que poderá ser retomado e visto sob nova interpretação.” Nesse contexto, compreendemos que a fenomenologia foca na subjetividade, na vivência, no ser único de cada um, diante do fenômeno.

Diante do exposto, vimos também na pesquisa participante-descritiva um elemento rico de apropriação, conhecimento e envolvimento com o campo escolhido para a execução do processo investigativo, onde as questões problematizadoras se apresentam na integridade real, meio social e que se inserem (GABARRÓN, 2006). Sendo assim responsável por apresentar um comprometimento sócio, cultural e ideologicamente mais intenso do pesquisador com o lócus a ser estudado.

Quanto aos objetivos e procedimentos metodológicos, articulada aos processos de coleta de dados em campo e tendo como principais fontes de informação a pesquisa de campo, a documental e a bibliográfica, associadas à análise de conteúdo, conforme os princípios elencados por Bardin (1979). Quanto à natureza dos dados coletados, esta é uma investigação de caráter qualitativo - conforme os pressupostos apresentados por Richardson (2008) -, delimitando o objeto de pesquisa dentro de um cenário específico de problematização teórico-metodológica.

OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os sujeitos participantes dessa pesquisa foram estudantes intercambistas do Programa Gira Mundo Canadá que participaram do Programa nos anos de 2016, 2017 e 2018, os quais serão informados previamente da pesquisa, que tiveram acesso ao TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Estudantes na condição de menores de idade, o TCLE foi assinado pelos responsáveis. A decisão por este recorte se deu por considerarmos que uma amostra constituída por estudantes intercambistas do Canadá reúne características que melhor atendem ao nosso foco de análise: país mais procurado pelos estudantes, língua estrangeira de prestígio mundial, currículo escolar bem diferente do nosso.

Considerando o universo de estudantes que fizeram parte do Gira mundo Canadá, de 2016 a 2018, selecionamos para compor a nossa amostra 10% destes estudantes, na faixa etária entre 15 e 19 anos, o que representa um total de 06 participantes.

É importante destacar que esses sujeitos participantes já não faziam parte da Rede Pública Estadual, uma vez que já concluíram o Ensino Médio, contudo mantendo o nosso interesse por observar as vivências e percepções desses jovens intercambistas em diferentes edições do Programa.

DELINEANDO O PERCURSO INVESTIGATIVO: OS INSTRUMENTOS, AS ETAPAS E A COLETA DE DADOS

Para uma melhor organização dos procedimentos metodológicos, dividimos a pesquisa em 03 (três) etapas. A primeira etapa corresponde à pesquisa bibliográfica fornecerá subsídios para a produção do estado da arte, se estendendo, também, em todos os outros momentos da investigação, como suporte e aporte teórico. Na

segunda etapa, passaremos à coleta e análise de dados, parte mais extensa, onde realizaremos observações, entrevistas e análise de documentos. A terceira e última etapa da pesquisa envolve a análise dos dados, a partir das categorias elaboradas e dos objetivos apresentados neste trabalho, de maneira que possamos sistematizar esses dados e elaborar conclusões. Em seguida, passamos à produção do texto preliminar da dissertação, capítulo por capítulo, e, após minuciosa revisão destes, redigimos o texto final e o encaminhamos para avaliação e apresentação pública.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para desenvolver o processo de coleta de dados no trabalho de campo, utilizamos os seguintes instrumentos: questionário e entrevista semiestruturada. É importante destacar que não devemos:

(...) subestimar a complexidade que pode envolver a elaboração de um questionário e a definição de uma amostra adequadas ao problema de pesquisa, assim como minimizar os cuidados preparatórios para a condução de uma entrevista (...). (BRANDÃO, 2000, p. 179)

Neste sentido, participaram desse estudo 06 (seis) estudantes, que responderam um questionário tendo por finalidade traçar o perfil socioeconômico e cultural dos intercambistas, bem como elencar as diferenças entre as experiências vivenciadas durante o intercâmbio.

Já a entrevista semiestruturada foi realizada articulando os interesses da investigação, através do conhecimento das práticas e representações sociais (BRANDÃO, 2000), abordadas no questionário, correlacionadas com categorias definidas para a pesquisa, garantindo coerência aos dados, potencializando a análise e interpretação.

Inicialmente foi aplicado um questionário on-line, com questões abertas, onde os sujeitos responderam aos temas de forma espontânea, sem imposições, livremente, considerando os aspectos abordados. Os sujeitos receberam os questionários através de um link, onde tiveram acesso permitido por um período de tempo pré-determinado, para que a devolutiva para as pesquisadoras fosse em tempo hábil.

Após o recebimento dos questionários e análise inicial dos mesmos, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas, de acordo com os dados obtidos.

Entrevistas estas que, de acordo com a disponibilidade dos sujeitos poderiam ser feitas de forma presencial ou via vídeo conferência, sendo as mesmas, em ambos os casos, gravadas, para posterior transcrição.

Por fim, após apropriação dos dados necessários para execução da pesquisa, passamos para a etapa de levantamento das informações obtidas através dos questionários, transcrição na íntegra das entrevistas e análise de todos dados adquiridos, sistematizando-os de acordo com as concepções constitutivas desse trabalho, onde podemos concluir o quanto foi significativo e importante para os intercambistas vivenciar esta experiência cultural, curricular e simbólica em um país de língua estrangeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intercâmbio escolar: ganho, perda ou troca? Realizar este trabalho nos levou a refletir como o poder simbólico mobilizado nas ações que permeiam o intercâmbio estudantil refletem na vida acadêmica, profissional e social de forma tão intensa. Sujeitos que viviam em mundos isolados, longínquos, com dúvidas, sonhos e anseios, veem um universo de possibilidades, contradições, diferenças e novidades se abrir em suas frentes, ressignificando e construindo conhecimentos letramentos sociais, culturais e escolares até então desconhecidos.

Precisamos nos aprofundar mais sobre tudo isso. Adentrarmos nessa atmosfera de vivências e experiências riquíssimas, que algum tempo atrás só era possível, exclusiva e unicamente, para jovens de classe média e altas. Hoje, podemos ver esse cenário mudando e se tornando acessível para jovens de classes baixas das redes públicas de ensino, em todo o país, através de programas de intercâmbio ofertados pelo poder público.

Oportunidades de acesso, ingresso e retorno para todos, sem distinção de classes, sem violências simbólicas, que segregam e rotulam aqueles que não detém o capital simbólico dominante. Os ganhos são diversos e múltiplos. As perdas nem chegam a ser mencionadas ou questionadas. O mais importante é: ir, sentir e usufruir o novo. Trocar e absorver o universo que ali se apresenta.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Z. Entre questionários e entrevistas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). **Família & escola**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: BERTRAND/DIFEL, 1989.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CATANI, Afrânio Mendes... et al. (Orgs.) **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Atênica Editora, 2017.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

_____. A noção de relação com o saber: bases de apoio teórico e fundamentos antropológicos: In: CHARLOT, B. (Org.) **Os jovens e o saber: perspectivas mundiais**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

Diário Oficial do Estado da Paraíba, João Pessoa, PB, 25 dez. 2015. Disponível em <http://static.paraiba.pb.gov.br/2015/12/Diario-Oficial-24-12-2015.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2018.

FREITAS, Maria Ester de. **A Mobilidade como Novo Capital Simbólico nas Organizações ou Sejamô Nômades?** Organizações e Sociedade. Salvador, v.16 - n.49, p. 247-264 - Abril/Junho – 2009.

GABARRÓN, Luís R.; LANDA, Libertad Hernandez. O que é a pesquisa participante? In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. 2. ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006. p. 93-122.

MOREIRA, Antonio Flávio; TADEU, Tomaz (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MOURA, Augusta Magnólia Roberto de. **Programa de Intercâmbio “Gira Mundo Paraíba”**: significados e efeitos na trajetória educacional de estudantes de Ensino Médio. 2021. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, 2021.

NOGUEIRA, M. A.; AGUIAR, A. M. S. e RAMOS, V. C. C. **Fronteiras desafiadas: a internacionalização das experiências Escolares**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 29, n. 103, p. 355-376, maio/ago, 2008.

PARAÍBA. **Diretrizes Operacionais para Funcionamento das Escolas Estaduais 2018**. Disponível em:<http://paraiba.pb.gov.br/educacao/>. Acesso em: 16 nov.2018.

_____. **Edital Programa Gira Mundo Estudante**. Disponível em:<http://static.paraiba.pb.gov.br/2018/01/Edital-N%C2%BA002.2018-PROGRAMA-GIRA-MUNDO-ESTUDANTE.pdf>. Acesso em: 16 nov.2018.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4 ed., revista e ampliada. São Paulo: Intermeios, 2014.

PRADO, Ceres Leite. Em busca do primeiro mundo: intercâmbios culturais como estratégias educativas familiares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **“Intercâmbios culturais” como práticas educativas em famílias das camadas médias**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 351, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014.

_____. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Orgs.) **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

THIESEN, J. S. **Internacionalização dos currículos na Educação Básica**: concepções e contextos. Revista e-Curriculum, São Paulo, v.15, n.4, p. 991-1017 out./dez. 2017.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa Social em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 20 reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.p. 41-49.